

prevenção

APESAR DA FALTA DE ESTUDOS SOBRE O TEMA, MÉDICOS ALERTAM: USUÁRIOS DE DROGAS ILÍCITAS ESTÃO MAIS SUJEITOS A DESENVOLVER NEOPLASIAS

O outro lado da dependência química

Existe uma divulgação ampla sobre a relação entre o consumo de álcool e cigarro e o câncer. Mas pouco se fala sobre o impacto da dependência de drogas ilícitas para o desenvolvimento da doença. O que se sabe é que cada droga afeta o corpo humano de maneira diferente e que todas causam dependência.

Segundo o psiquiatra Thiago Marques Fidalgo, do Núcleo de Psico-Oncologia do Hospital A.C.Camargo, de São Paulo, as drogas podem ser divididas em três grupos: depressoras do sistema nervoso central, estimulantes e perturbadoras. “As depressoras, como o próprio nome diz, deixam a pessoa para baixo, desaceleram, tiram a ansiedade. É o caso do álcool e dos solventes, como a cola. Já as estimulantes fazem o contrário, deixam a pessoa ‘ligada’, para cima, agitada, sentindo-se poderosa. Aumentam a pressão arterial e a frequência cardíaca.

São exemplos a cocaína, o crack e as anfetaminas. Por fim, temos as perturbadoras, que alteram a forma como a pessoa percebe a realidade, podendo gerar alucinações e delírios. Nesse grupo entram a maconha e os cogumelos”, detalha.

Fidalgo explica que existem poucos estudos sobre a influência das drogas ilícitas no surgimento de cânceres, por uma questão de saúde pública. “O cigarro e o álcool são, sem sombra de dúvida, as drogas mais utilizadas em nossa sociedade. Dessa forma, são as com maior impacto sobre a saúde das pessoas e, por isso, as mais estudadas”, afirma.

O médico explica que a cocaína inalada aumenta o risco dos tumores de cabeça e pescoço, principalmente para as lesões de nasofaringe. O consumo também prejudica a traqueia e os pulmões, já que o pó e, principalmente, as impurezas que vêm com ele se

acumulam nos alvéolos e geram inflamação local. O mesmo se observa com o crack. Este, no entanto, por ser fumado, costuma gerar mais lesões de orofaringe.

Especializado em Oncologia Clínica, o médico Carlos Teixeira, do Hospital Alemão Oswaldo Cruz, também de São Paulo, esclarece que a maconha tem influência no desenvolvimento de tumores das vias aéreas, de forma muito semelhante ao cigarro. “A maconha está associada a sintomas de bronquite crônica e inflamação das vias aéreas. O uso ocasional com o cumulativo baixo parece não ser fator de risco para malignidade. No entanto, o uso ‘pesado’ de maconha tem plausibilidade biológica, epidemiológica e patológica como risco para o desenvolvimento de câncer, principalmente no trato respiratório (pulmão e laringe)”, diz.

Ainda não há pesquisa que relate os riscos de câncer para ex-usuários. “Provavelmente o risco diminui após um longo período sem fazer uso da substância. Mas esse risco sempre vai ser maior do que o de uma pessoa que nunca usou drogas”, afirma Fidalgo. Ele considera que o tratamento do usuário de droga que desenvolve câncer deve ser global, ou seja, é preciso tratar paralelamente a doença e a dependência. Entretanto, existem poucos centros no mundo que fazem esse tipo de tratamento combinado. “Os estudos mostram que abordar a questão da dependência no momento do diagnóstico do câncer aumenta a aderência a ambos os tratamentos, assim como as chances de sucesso. Vale ressaltar que o envolvimento da família em ambos os casos é fundamental”, salienta.

CÂNCER: FIEL DA BALANÇA NA RELAÇÃO FAMILIAR

De acordo com Fidalgo, o sucesso da dependência química nos melhores centros do mundo gira em torno de 35%. De cada dez pacientes, entre três e quatro ficarão abstinentes depois de dois anos. É a mesma taxa de sucesso de outras doenças crônicas,

“Provavelmente o risco diminui após um longo período sem fazer uso da substância. Mas esse risco sempre vai ser maior do que o de uma pessoa que nunca usou drogas”

THIAGO MARQUES FIDALGO, psiquiatra do Hospital A.C. Camargo

como asma, pressão alta e diabetes. “Temos hoje diferentes linhas de atuação na dependência química, entre elas a terapia cognitivo-comportamental, os grupos de autoajuda e as terapias psicodinâmicas. São diferentes opções, e não sabemos o que funciona pra quem”, ressalva.

Teixeira frisa que os pacientes usuários de drogas ilícitas podem ter dificuldade em aderir ao tratamento e usar de maneira incorreta as medicações de suporte. Isso acabaria influenciando no resultado final do tratamento.

Fidalgo observa que o câncer influencia na relação entre o dependente químico e a família. Segundo ele, quando a doença não está presente, a postura familiar mais comum é querer “se livrar do problema”. “Existe um grande sentimento de sobrecarga, abandono, enfim, de resolver de um jeito rápido uma situação que está causando muito estresse. Em geral, a família espera que a equipe de saúde mental resolva o problema. Por outro lado, quando a pessoa tem o diagnóstico de câncer, observamos que a postura muda bastante, e o paciente é visto pela família como alguém que precisa de cuidados”, compara. ■